



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17311 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

NOTAS SOBRE O TRABALHO DOCENTE DE ALFABETIZAÇÃO: INTENSIFICAÇÃO E IMPEDIMENTO DO TRABALHO “BEM FEITO”

Ana Lúcia Horta Nogueira - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESP

NOTAS SOBRE O TRABALHO DOCENTE DE ALFABETIZAÇÃO: INTENSIFICAÇÃO E IMPEDIMENTO DO TRABALHO “BEM FEITO”

Esse texto problematiza a constituição do trabalho de professoras alfabetizadoras, a partir de dados construídos em projeto coletivo de pesquisa, proposto por quatro docentes de três universidades no estado de São Paulo e que contou com a participação de doze professores atuantes nas séries iniciais do Ensino Fundamental, em redes municipais de ensino do estado de São Paulo (2020-2024).

O grupo, que começou a se reunir a partir da demanda das professoras, em 2020, logo após a suspensão das atividades presenciais devido à pandemia de COVID, se encontrou sistematicamente durante mais de três anos, realizando discussões acerca das experiências e possibilidades de organização do trabalho pedagógico e tematizando inúmeras questões para estudo e aprofundamento teórico acerca dos processos alfabetização. Em 2021, tendo em vista o engajamento do grupo de professores, a proposta foi formalizada como pesquisa em rede e recebeu apoio de agência de fomento à pesquisa (2022-2024).

O processo de construção de dados abrangeu os relatos escritos, materiais pedagógicos, registros fotográficos elaborados pelos professores e compartilhados no grupo, bem como as transcrições das reuniões gravadas na plataforma Google Meet, a partir da formalização do projeto. No presente texto, assim como em outros artigos que discutem os dados dessa pesquisa, o processo analítico do conjunto dos dados empíricos construídos considera os princípios teórico-metodológicos do método histórico-genético e da análise

enunciativo-discursiva (Vigotski, 1995; Bakhtin, 2003; Volochinov, 2017).

Para essa apresentação, optou-se por trazer dados para problematizar as condições concretas que constituem o trabalho docente e as práticas de alfabetização, mobilizando especialmente as noções de intensificação do trabalho (Dal Rosso, 2008), de trabalho “bem feito” (Clot, 2013, 2015) e de trabalho vivo e concreto (Antunes, 2005).

Em uma reunião em setembro de 2022, quando o grupo conversava sobre as atividades e os recursos pedagógicos presentes na sala de aula, a questão da silabação como recurso para a alfabetização foi novamente tematizada.

Professora SL – E aí eu tenho também aquele professor que trabalha com o silabário e deixa o silabário escondido atrás da porta porque a supervisora não pode ver. Então, hoje eu trabalho numa rede [de ensino] que é sociointeracionista, mas alguém chegou para esse profissional da educação que está acostumado a trabalhar desde 1900 e tanto com o silabário e disse que a gente não usa mais o silabário? “A partir de agora nossa proposta de ensino vai ser essa e nós fazemos essas atividades, essas são as propostas, porque esta rede acredita nesse trabalho”. Mas o professor ainda acredita no silabário porque para ele não foi oferecida nenhuma outra proposta, simplesmente se chegou: “agora somos sociointeracionistas e pronto!”.

Professora DN – Como dentro de uma escola coexistem práticas. Eu estava nos ateliês, a porta aberta, e em coro, assim, muito alto: “B com A, BA”, “B com E, BE” [ouvindo a sala ao lado]. Eu estava numa atividade de escrita com a minha aluna, daí foi na hora do “B com O, BO”, não era BO na palavra, e ela disse “BO”, porque ela escutou o BO lá de fora. Eu não me lembro o que ela estava escrevendo. E eu falei “caramba, qual que que é a saída?”. A questão da alfabetização é tão complexa, né? E assim, uma escola, um dia, e eu fico imaginando isso em termos de Brasil. São tantas questões implicadas, que... o coro do “B com A” me levou a refletir muito. Eu vou ainda escrever sobre isso, porque eu falo “gente, aqui tão perto de mim, tão alto”, é assustador.

Professora AL – Mas eu queria voltar ao que SL disse sobre a professora com o silabário atrás da porta, e a outra que usa o silabário bem alto. Assim, porque a gente acredita que não precisa disso. Porque eu fico pensando, acho que o professor que usa o silabário está tentando se acalmar. Está tentando se acalmar porque, assim, isso aqui é um terreno seguro. Pode fazer todo o resto, não sei se faz, mas pode fazer todo o resto e faz isso também. E aí acredita que, porque fez o silabário, foi o silabário que salvou, não foi todo o resto. O que mais que a gente faz? Porque quando vocês falam, “eu faço isso, eu conto história, eu sento, eu escrevo”. De que outras maneiras a gente faz? De que outras maneiras a gente ensina?

Como os excertos acima permitem entrever, as professoras remetem a inúmeras questões: para além da relevante discussão sobre os procedimentos pedagógicos de alfabetização, propomos ampliar o foco de análise para problematizar a intensificação do trabalho docente, por meio da submissão do trabalho a orientações institucionais padronizadas e restritivas, dos impedimentos e proibições para que os professores elaborem seu trabalho a partir de opções pautadas em suas observações acerca do processo de desenvolvimento dos estudantes, na concretude histórica e social de suas reais condições de vida.

Parte da mesma lógica de implementação da reforma empresarial da educação (Freitas, 2018), pautada no tripé padronização, testes em larga escala, controle e responsabilização do professor, temos vivido sob crescente processo de “racionalização” e de intensificação do trabalho docente. Segundo Dal Rosso (2006, 2008), historicamente, o processo de intensificação do trabalho abrange não somente as formas de trabalho material e produtivo, mas igualmente todas as atividades imateriais e de serviços, que envolvem grandes volumes de capital. O processo de intensificação do trabalho docente é marcado pela polivalência e flexibilidade, acúmulo de atividades, aumento da jornada de trabalho (para melhor remuneração), pressão e gestão por resultados – no sentido da maximização quantitativa.

Ao tratar dos processos de intensificação, Clot (2013, 2015) destaca os efeitos sobre a saúde do trabalhador que é obrigado a fazer “malabarismos” com os critérios alheios e externos estabelecidos e se vê impedido de realizar o trabalho "bem feito" segundo seus critérios.

O "trabalho bem feito" consiste, para o assalariado, em atingir os objetivos que ele próprio se fixou ou que lhe foram fixados, e alcançar assim um resultado que seja defensável aos seus próprios olhos. Isto supõe que ele possa julgar o que faz, julgar o que fazem os seus colegas, deliberar com eles sobre o sentido de suas ações, pensar e repensar individual e coletivamente sua atividade, corrigi-la ou fazê-la evoluir. (Clot, 2013, p.4)

Nesse sentido, propõe-se analisar como os diálogos sobre o “trabalho bem feito” podem provocar a reconstrução do trabalho de baixo para cima, bem como o desenvolvimento do poder de agir individual e coletivo, como motor de transformação, de resistência e de fortalecimento dos coletivos de trabalho e do próprio *métier*, reafirmando o trabalho docente como atividade ontológica, viva e concreta (Antunes, 2005).

Palavras-chave: Alfabetização; Trabalho docente; Intensificação; Impedimento; Trabalho bem feito.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R.L.C. *O caracol e sua concha: Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2005.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. SP: Martins Fontes, 2003.

CLOT, Y. L'aspiration au travail bien fait. *Le journal de l'école de Paris du management*, vol. 99, no. 1, 2013, pp. 23-28.

CLOT, Y. *Le travail à coeur: Pour en finir avec les risques psychosociaux*. Paris: Découverte, 2015.

DAL ROSSO, S. Intensidade e imaterialidade do trabalho e saúde. *Trabalho Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 65-92, mar. 2006.

DAL ROSSO, S. *Mais trabalho!:* A intensificação do labor na sociedade contemporânea. SP: Boitempo, 2008.

FREITAS, L.C.de. *A reforma empresarial da educação: Nova direita, velhas ideias*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

VIGOTSKI, L. S. Problemas del desarrollo de la psique. *Obras Escogidas*. Vol. III. Madrid: Visor, 1995.

VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.